CORREIO BRAZILIENSE

ESPORTES

correiobraziliense.com.br/esportes - **Subeditor:** Marcos Paulo Lima E-mail: *esportes.df@dabr.com.br* Telefone: (61) **3214-1176**

Rayssa Leal ganha prata em Tóquio

Rayssa Leal conquistou o vice-campeonato da etapa de Tóquio da Street League Skateboarding (SLS), realizada ontem, no Japão. A brasileira somou 31,1 pontos na final feminina e ficou atrás da australiana Chloe Covell, que garantiu o título com 32,8. A sul-coreana Jiyul Shin terminou na terceira colocação, com 30,9 pontos. A competição, disputada na Ariake Arena, marcou a última etapa do circuito antes do Super Crown, que reúne as principais skatistas da temporada.

ENTREVISTA GABRIELZINHO

Multicampeão paralímpico fala sobre ascensão meteórica, amizade com ídolo Daniel Dias, sonho de fazer história e a necessidade de ampliar o acesso ao esporte para revelar novos talentos brasileiros

Decolar e nunca mais pousar

DANILO QUEIROZ
VICTOR PARRINI

De promessa a protagonista do movimento paralímpico mundial, Gabriel Araújo, o Gabrielzinho, construiu uma trajetória marcada por conquistas, amadurecimento e ambição. Em entrevista ao **Correio** *durante o CBCP Summit, em Brasília, o nadador revisitou os momentos decisivos da carreira, falou sobre a evolução dentro e fora das piscinas e projetou os próximos desafios até os Jogos de Los Angeles-2028. Aos 24 anos e dono de cinco ouros paralímpicos, ele vive a maturidade de quem já alcançou o topo, mas mantém a inquietação de quem ainda acredita ter muito a conquistar. "Decolar e nunca mais pousar", como o próprio define a mentalidade responsável por impulsionar a caminhada.*

Muito além de acumular medalhas, o mineiro de Santa Luzia quer ajudar a transformar o esporte paralímpico brasileiro. Ao analisar os obstáculos enfrentados por jovens atletas, apontou a dificuldade de permanência entre a base e o alto rendimento como um dos principais desafios do movimento. Gabrielzinho defende maior investimento na formação, valorização dos talentos e condições para as novas gerações encontrarem no esporte um caminho possível. Também falou sobre a relação de amizade e admiração com Daniel Dias, referência responsável por abrir portas para uma geração e cujo legado pretende ajudar a preservar. Sem colocar a própria trajetória acima da de outros campeões, ele sonha em dividir a mesma prateleira do ídolo e contribuir para o Brasil se tornar uma potência ainda maior no paradesporto.

Como é estar aqui em Brasília, diante de tantas pessoas e personagens ligados ao esporte?

Primeiramente, quero agradecer pela oportunidade, pelo convite e por estar nesse evento tão grandioso para o paradesporto como um todo, para sua evolução e seu desenvolvimento. É sempre bom reunir, falar, manter o caminho certo para que a gente consiga, cada vez mais, alcançar grandes lugares, fazer com que o esporte paralímpico seja cada vez mais valorizado e reconhecido. Com o passar dos anos, a gente espera conseguir evoluir bastante.

Carlos Vieira CB/DA Press.



Você é uma figura dessa evolução. Quando percebeu o poder do esporte na sua vida?

Foi em 2019, nos Jogos de Lima. Tinha o objetivo de conquistar uma medalha e consegui ganhar cinco. Vi que poderia entregar mais e, realmente, querer começar a viver do esporte. A única coisa que fiz foi correr atrás. Não fiquei feliz somente com as medalhas do Parapan. Queria mais. Queria ir para o Mundial, queria uma medalha nos Jogos Paralímpicos. Cheguei em Lima mais pelo talento do que pela disciplina e o trabalho e já tive um resultado positivo. Quando resolvi unir tudo isso com o planejamento de treino, vi que poderia alcançar grandes resultados e, graças a Deus, venho trabalhando para atingir meu objetivo que é fazer história.

Sua ascensão foi muito rápida. Como foi virar a chave de promessa para realidade?

Na verdade, não virou a chave. Era meu objetivo e sonho desde sempre. Foi muito rápido, mas sempre estive pronto. Para um atleta, que gosta muito de vencer, quanto mais rápido acontece, sinal de que as coisas estão dando certo. É isso que vim fazer e trabalhei bastante para conquistar tudo. Gosto de fazer as coisas rápido. Decolar e nunca mais pousar. Trabalhar sempre o mais próximo possível do auge para que a gente consiga atingir os objetivos e fazer com que aumente. É meta atrás de meta. Graças a Deus, trabalhamos bastante para acontecer tudo isso que está acontecendo. É só o começo.

O que mudou no Gabriel do começo para o de agora?

Evoluí bastante como ser humano, como atleta. Começa por um trabalho muito bem feito pelo meu treinador e a minha equipe. Não só quando começamos a ascensão. Eles me falaram que eu poderia ser campeão e me fizeram entender o processo. É o principal. Não adianta só sonhar com a medalha. Tem que entender o processo, para quando chegar ao objetivo você realmente ter a sensação de dever cumprido, pois trabalhou muito para acontecer. Foi isso que fiz.

Você se sente mais maduro?

Amadureci bastante nesse sentido. Aprender a ter disciplina, a suportar o processo, a entender todas as fases do treino, do dia ruim, do bom. Isso é muito importante e acabou que amadureci mais rápido entendendo isso. A medalha fica mais prazerosa.

Se pudesse escolher uma medalha preferida, qual seria?

Os 100m costa de Paris-2024.

Por quê?

Porque fez a prata dos Jogos Olímpicos de Tóquio-2020 virar ouro. Era o objetivo do ciclo.

O grande público te conhece pelo seu carisma. Como é equilibrar a espontaneidade com a concentração do esporte de alto nível?

Quando estou no pódio e as pessoas me conhecem pelas dancinhas e a alegria, é o momento mais fácil. Ali sou apenas eu mesmo. Só mostrei ao mundo quem sou fora das câmeras e das piscinas. Quem convive comigo sabe que tudo que faço ali é natural e as pessoas não se encantam tanto porque convivem comigo e sabem que sou assim. É também uma forma de representar o povo brasileiro. Em todo lugar do mundo, somos reconhecidos pela nossa alegria, pelo jeito feliz que temos. É uma forma de mostrar quem eu sou e representar nosso povo, que é muito alegre.

Seu jeito te ajuda nas competições?

Me ajuda um pouco. Tenho muito claro que momento difícil para mim é o treino. Quando estou em competição, estou me divertindo. Isso que me dá tranquilidade para chegar no momento sério e tirar esse peso e um pouco dessa responsabilidade de nadar, ganhar medalha e performar. Me divirto na piscina, me conecto muito bem com a água. 99% das vezes que atingi minhas marcas eu estava com esse pensamento. Acredito que é o caminho certo para seguir nesse ritmo.

O Daniel Dias te elogiou muito... como é sua relação com ele?

Quando você admira uma pessoa e a conhece, passa a admirar muito mais. Fico feliz de receber grandes elogios do nosso maior atleta paralímpico da história. É um cara que tem uma carreira maravilhosa, de grandes resultados, não apenas na água, mas fora dela também. É um grande ser humano. Fico feliz de dizer que tenho uma amizade com quem admirei e se tornou um ídolo para mim. Hoje, além de um ídolo, é um amigo. Um cara que me ajudou bastante, uma referência. Fico feliz de seguir esse legado que ele deixou. É a nossa obrigação. Ele passou por tudo para facilitar um pouco para a gente. Chegou no meu momento de tentar contribuir para quem estiver chegando. Teve o Daniel Dias, tem eu e que apareçam mais e mais ao longo dos anos para o Brasil virar uma potência máxima no esporte paralímpico. É isso que mais me motiva.

Você tem o objetivo de alcançá-lo e ultrapassar o recorde de medalhas ou prefere pensar passo a passo?

Não tenho esse objetivo. Ele tem uma história muito bonita. Quando ficamos nesse pensamento, parece que quer passar por cima de alguém ou da história dele. Meu objetivo é atingir o máximo de medalhas que eu conseguir. Se isso acontecer, vou ficar muito feliz, porque não estarei acima de ninguém, mas na mesma prateleira do maior atleta que o país já viu.. Feliz de estar dividindo os mesmos espaços. Além de ser um grande ídolo e amigo, é uma referência. Se eu estou no mesmo caminho, a gente tem se encontrado bastante, quer dizer que estou no caminho certo para o sucesso e atingir meu maior objetivo: fazer história como ele fez.

A Paralimpíada de Los Angeles-2028 já está presente na sua rotina?

Sempre pensamos como objetivo final, mas gosto de viver ano a ano e competição a competição. Quando pensamos no final, a gente pode talvez se frustrar e acabar dificultando o processo. Para mim, tenho que chegar na melhor forma possível. Tenho que nadar bem e melhorar a cada competição. É um processo de construção para chegar em Los Angeles o mais forte possível. Passar por essas competições preparatórias... tenho certeza que 2027 e 2028 vão ser anos melhores para mim. Acredito que pela idade, a maturidade e todo o contexto. Por tudo que quero alcançar também. Vou estar no auge da minha carreira e espero trabalhar bastante para ser a melhor competição da minha carreira.

Qual a sua análise do esporte paralímpico como um todo? Enxerga o mesmo carinho com as outras modalidades?

Gosto bastante de contribuir de alguma forma. Quando estamos em grandes eventos e em momentos de visibilidade, não estou ali apenas pela natação. O movimento paralímpico que é o importante. Se crescermos na natação, no atletismo, as pessoas entenderem o que um atleta de alto rendimento, que não ganha medalhas pela deficiência, mas sim pelo alto nível que atingiu. Isso é o importante. Vincular minha imagem não apenas à natação, mas ao esporte paralímpico. É o que posso tentar fazer e de alguma forma contribuir. Vale a pena a questão de investir na base. Quando comecei, foi muito difícil a parte de manter no médio nível para evoluir. Essa transição da base até o alto rendimento é um momento muito difícil. Por ser jovem, nós temos muitas opções e o esporte é a mais difícil.

Você costuma dizer que o crescimento do esporte paralímpico não pode ficar restrito. O que precisa ser feito?

Temos que fomentar ao máximo a base, em geral, todos os esportes possíveis e fazer as pessoas entenderem que não é a natação ou o Gabrielzinho que estão crescendo, mas o movimento completo. Fazer com que as empresas olhem para a gente de forma igual a todos os atletas que existem no país. Que tenhamos respeito e possamos ocupar o mesmo espaço, porque na hora de decidir e cair para dentro de uma prova, de buscar o resultado, não tem nenhuma deficiência que vai falar que é diferente. O objetivo de um atleta, com ou sem deficiência, é o mesmo. Investir ao máximo na base para que surjam novos talentos. De alguma forma fazer com que os jovens não se percam nesse mundo. Os jovens gostam muito de aproveitar a vida e o esporte é muito difícil. No final, a gente sabe que vale a pena.

Estamos em um país muito rico em termos esportivos, mas são muitas dificuldades. Nesse contexto, o que mais te incomoda no movimento?

Eu vejo muito as pessoas se perdendo ou desistindo entre 12 a 16 anos. Até os 20, há dificuldade de se sustentar no esporte, tanto financeiramente quanto psicologicamente de se manter no esporte e falar, de alguma forma, vai conseguir alguma coisa. Parece que quem está no pódio está muito distante de quem está começando. Enxergam a medalha como um sonho distante. Parece que o raio cai apenas uma vez no mesmo lugar e para acontecer de novo é muito difícil. Temos que aproveitar ao máximo disso para que tenhamos mais atletas.

Você viu muitos atletas ficarem pelo caminho?

Conheço muitas pessoas e vemos que temos essa dificuldade de manter grandes atletas. Já vi pessoas com grandes talentos que não conseguiram se sustentar no esporte e talvez poderiam estar dando orgulho ao Brasil também. É preciso nos aproximar e fazer com que o atleta, desde o primeiro dia de prática esportiva, não se sinta tão distante de quem está no alto nível. Todos temos o mesmo objetivo, cada um de acordo com seu nível e o que quer alcançar.

E o que mais te orgulha?

É o esporte estar crescendo bastante. A visibilidade está cada vez mais maravilhosa. No Rio-2016, as pessoas começaram a ver que existia o esporte. Em Tóquio-2020, apesar de não ter torcida, a internet estava bem forte. Em Paris-2024, foi um divisor de águas para entenderem que o Brasil é muito maior para pessoas com deficiência do que imaginamos. É continuar nesse caminho de fazer as pessoas conhecerem cada vez mais o esporte paralímpico.

Você tem alguma história com Brasília?

Na verdade, competi aqui uma vez em 2018. Foi muito legal, mas não conhecia muito. Dessa vez, consegui dar uma volta rápida pela cidade. Muito bonita, e agora consegui ver de perto.